

## **A recriação de vozes marginais na escritura de Mia Couto: O canto silencioso das personagens de “O adiado avô”**

*José Aldo Ribeiro da Silva (UPE)<sup>1</sup>*

Em “*O adiado avô*”, narrativa de Mia Couto publicada no livro “*O Fio das Missangas*” (2009), nos deparamos com personagens que transformam o silêncio em portavoza das suas vivências. Os seres que povoam essa narrativa, apesar de fazerem uso da palavra falada e escrita, não se cansam de reclamar o direito à voz que lhes foi negado pela dominação colonial portuguesa, portando-se como se suas falas tivessem sido irreversivelmente mutiladas pelo colonizador.

O conto inicia-se com o relato do nascimento de um novo membro da família de Zedmundo Constantino Constante: seu neto, fruto do casamento de uma das filhas da personagem, que curiosamente, chama-se Glória. Esse acontecimento é comemorado por todas as personagens do conto, menos pelo patriarca, Zedmundo, que se recusa terminantemente a ir ao hospital para ver o recém-nascido e só conhece o neto dias depois quando ele é trazido para a sua casa, pela filha.

Foi preciso trazerem o miúdo a nossa casa para que o avô lhe passasse os olhos. Mas foi como um olhar para nada. Ali no berço não estava ninguém. Glória reincidiu no choro. Para ela, era como sofrer as dores de um aborto póstumo. Suplicou a sua mãe Dona Amadalena. Ela que falasse com o pai para que este não mais a castigasse (COUTO, 2009: 33).

Tal atitude do patriarca não é vista com bons olhos pelas outras personagens da narrativa. O avô aparentemente não atribui importância alguma ao neto e seu posicionamento evasivo e silencioso, no que diz respeito às causas de sua rejeição à criança, confunde-se, inicialmente, com um castigo aplicado à filha por ter engravidado contra a vontade dele.

Somente em linhas posteriores da narrativa, quando o neto começa a balbuciar as primeiras palavras, é que começam a transparecer as razões do desprezo de Zedmundo em relação à criança:

O menino disse as primeiras palavras e, logo, o nosso pai Zedmundo desvalorizou:

[...]

---

<sup>1</sup> *Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas*

*- Aprender a falar é fácil. Com o devido respeito de vossa mãe. Que não é muda. Só que a voz lhe está adormecida.*

Nossa mãe - agora, a tão assumida avó Amadalena - sacudiu a cabeça. O homem sempre acinzentava a nuvem. Mas Zedmundo, no capítulo das falas, tinha a sua razão: nós, pobres, devíamos alargar a garganta não para falar, mas para melhor engolir sapos.

*- E é o que repito: falar é fácil. Custa é aprender a calar* (COUTO, 2009: 33) (Grifos do autor).

Veja-se no fragmento citado que o desenvolvimento das habilidades naturais do neto não é visto com bons olhos pelo “adiado avô”. Zedmundo não valoriza a aquisição da fala, porque, segundo ele, no contexto social em que eles vivem é necessário aprender a calar: o silêncio impõe-se como recurso essencial para a sobrevivência. Tal constatação do avô, torna-se mais clara, no momento em que o mesmo relata uma situação por ele vivida, quando trabalhava como operário e tinha um homem português como patrão:

E repetia a infinita e inacabada lembrança, esse episódio que já conhecíamos de salteado. Mas escutamos, em nosso respeitoso dever. Que uma certa vez, o patrão português, perante os restantes operários, lhe intimou:

*- Você, fulano, o que é que pensa?*

Ainda lhe veio à cabeça responder: preto não pensa, patrão. Mas preferiu ficar calado.

*- Não fala? Tem que falar, meu cabrão.*

Curioso: um regime inteiro para não deixar nunca o povo falar e a ele o ameaçavam para que não ficasse calado. E aquilo lhe dava um tal sabor de poder que ele se amarrou no silêncio. E foram insultos. Foram pancadas. E foi prisão. Ele entre os muitos cativos por falarem de mais: o único que pagava por não abrir a boca (COUTO, 2009: 34) (Grifos do autor).

Veja-se que, para Zedmundo, a dominação imposta pelos portugueses em Moçambique, passa, antes de qualquer outra coisa, pelo silenciamento da voz do povo. E para o mais velho, depois de um regime inteiro de dominação sufocando sua voz, o seu silêncio perante o português no momento em que sua palavra foi solicitada, institui-se como um ato de revolta diante do autoritarismo do patrão. O negro desobedece as ordens do português, seguindo uma das leis que lhe foram impostas pelo próprio regime instaurado pelos homens portugueses em seu país. E essa atitude de Zedmundo recebe a mesma punição imposta aos homens que desobedecem “a lei do silêncio” e expressam suas opiniões por intermédio da palavra.

Na verdade, a esta altura da narrativa, nota-se que o aparente desprezo de Zedmundo, em relação ao mais novo membro da família, não tem uma razão específica, mas se confunde com a trsiteza de um homem mais velho diante de uma criança que, devido à origem humilde, está destinada à pobreza e condenada a humilhação diante dos portugueses que dominam o seu país.

Esse episódio da narrativa de Mía Couto, nos remete às constatações feitas por Fanon ao analisar a situação dos povos colonizados em meio ao processo de dominação colonial, pois de acordo com o referido estudioso: “O indígena é um ser encurralado... A primeira coisa que o indígena aprende é a ficar no seu lugar, não ultrapassar os limites” (FANON, 1968: 39).

Zedmundo Constantino Constante é uma personagem de Mía Couto que parece resignada frente ao processo de dominação portuguesa em seu país. Sua resignação transparece, inclusive, na composição de seu nome que nos faz recordar os vocábulos “Mundo” e “Constante”. Ao analisarmos os posicionamentos assumidos pelo mais velho no interior da narrativa, temos a impressão de que ele desistiu de lutar por dias melhores para seu povo, é como se essa personagem representasse a constância, a resignação de um mundo frente às injustiças que se impõem às camadas sociais menos favorecidas.

Ao relatar seu desentendimento com o português, Constantino nos faz entrever a angustiante situação imposta aos negros em meio ao processo de dominação imposto pelos povos lusitanos. No momento em que a fala de Zedmundo é solicitada, ele sabe que ao se pronunciar ele pode ser punido por falar algo que não corresponda às expectativas do patrão, e, por outro lado, ele sabe que o silêncio diante de um pedido feito pelo português também poderá resultar em algum tipo de punição. O negro encontra-se, definitivamente, “encurralado”.

No acontecimento narrado por Zedmundo, nos deparamos com as consequências da repressão imposta pelo colonialismo. O negro, ao ter a oportunidade de se expressar diante do patrão, opta pelo silêncio, recusa-se a fazer uso da palavra, pois sabe que a sua voz não é suficiente para fazer valer sua vontade diante do colonizador. Constante não expressa seus pensamentos diante do patrão, pois tem consciência de que suas ideias não serão tomadas a sério pelo português, uma vez que, por muito tempo, a capacidade de raciocinar dos homens negros foi subestimada pela minoria branca que se instalou em seu país.

Conforme salienta Manuel Ferreira, o colonialismo “é a negação da personalidade do Outro. Em todos os aspectos. [...] Ele, o colonialismo, nega ou reprime a cultura autóctone e obriga à cultura metropolitana. [...] impõe novos padrões de cultura e substitui a língua” (FERREIRA, 1989: 29). E nas falas atribuídas a Zedmundo, vemos a reclamação do direito de “ser”:

Ali, no côncavo de suas intimidades, o velho Zedmundo se explicou. Afinal, ele sempre dissera: não queria netos. Os filhos não despejassem ali os frutos do seu sangue.

[...]

- *Você não entende, mulher, mas os netos foram inventados para, mais uma vez, nos roubarem a regalia de sermos nós.*

E ainda mais se explicou: *primeiro, não fomos nós porque éramos filhos. Depois, adiámos o ser porque fomos pais. Agora, querem-nos substituir pelo sermos avós* (COUTO, 2009: 35) (Grifos do autor).

Aqui percebe-se que o homem rejeita o filho de Glória sem nenhum motivo em particular, mas simplesmente porque não deseja a perpetuação de seu sangue. Por outro lado, percebe-se a reclamação do direito de “ser” que, pelo que se pode observar nas falas do mais velho, sempre lhe foi negado ao longo da vida.

Se para Zedmundo o silêncio apresenta-se como um meio de conviver com a dominação portuguesa, para Amadalena, sua esposa, a ausência de fala não possui explicações tão claras, pois o narrador nos informa, nas primeiras linhas do texto, que essa personagem é muda porque a sua voz “se esqueceu” de nascer, e essa informação é, de certo modo, contradita por Zedmundo, ao fazer a seguinte constatação:

- *Aprender a falar é fácil. Com o devido respeito de vossa mãe. Que não é muda. Só que a voz lhe está adormecida* (COUTO, 2009: 34) (Grifos do autor).

O patriarca da família nega a afirmação feita pelo narrador, pois segundo ele a voz de Amadalena está apenas “adormecida”. E se está “adormecida”, como acredita o mais velho, pode despertar em algum momento.

Na narrativa, Amadalena comunica-se com as outras personagens através de gestos, bilhetes e suspiros. Seus gestos quase sempre aparecem como índices de reprovação das atitudes tomadas pelas outras personagens; seus bilhetes, de acordo com o narrador, são rabiscos, mais para serem adivinhados que para serem lidos (e mesmo sendo rabiscos, nos permitem perceber que a ausência de voz em Amadalena não a impediu de aprender a língua e

a escrita do colonizador); nos suspiros reside o poder persuasivo dessa enigmática personagem, que muito fala sem proferir palavras:

Dona Amadalena sempre falara suspiros. Porém, em tons tão precisos que aquilo se convertera em língua. Amadalena suspirava direito por silêncios tortos (COUTO, 2009: 34-35).

Segundo Paul Zumthor, “a oralidade não se reduz à ação da voz. Expansão do corpo, embora não o esgote. A oralidade implica tudo o que, em nós se endereça ao outro: seja um gesto mudo, um olhar” (ZUMTHOR, 1997: 203). Seguindo essa linha de raciocínio, percebe-se que a oralidade em Amadalena se expressa através de gestos e suspiros que, associados a seus posicionamentos, ultrapassam suas limitações vocais e evidenciam seus pensamentos em relação às atitudes tomadas pelas demais personagens da narrativa.

Embora não faça uso da palavra falada, a referida personagem interfere diretamente nos acontecimentos que perpassam a narrativa:

O neto cumpriu o primeiro aniversário. Nesse mesmo dia, deu os primeiros passos. Houve palmas, risos, copos erguidos. Todos poliram júbilo menos Zedmundo, encostado em seu próprio corpo.

*- Não quero aqui essa gatinhagem, ainda me parte qualquer coisa. Levem-no, levem-no...*

Meu pai não terminou a intimação. Amadalena suspendeu-lhe a palavra com esbracejos, somados ao seu cantar de cegonha (COUTO, 2009: 35).

Contrária ao posicionamento de Zedmundo, Amadalena, tenta, repetidas vezes, fazer com que o marido aceite o neto recém-nascido. Zedmundo, no entanto, mantém-se firme ao rejeitar a criança e sua atitude faz com que Glória, sua filha, decida se distanciar da família indo morar na cidade com o marido:

Quem se mudou foi Glória. Ela e o marido emigrados na cidade. E com eles o menino que era o consolo de nossa mãe. Ela mais emudeceu, em seu já silencioso canto (COUTO, 2009: 35).

A atitude tomada pelo patriarca ocasiona uma série de desgraças para as demais personagens da narrativa. Pois o genro de Amadalena falece ao chegar à capital e a filha de Zedmundo perde a razão ao ficar viúva. Dessa forma, o adiado avô vê-se obrigado a trazer o tão rejeitado neto para dentro de sua casa:

Nossa irmã, nossa Glorinha perdera o juízo com a viuvez. Internaram-na, desvalida como mulher, desqualificada como mãe. E o menino, mais neto agora, chegava no primeiro machimbombo.

O menino entrou e meu pai saiu. Enquanto se retirava, já meio oculto no escuro ainda disse:

- *Tudo o que você não falou, está certo, Amadalena, mas eu não aguento* (COUTO, 2009: 36) (Grifos do autor).

Aqui, percebe-se a relevância dos gestos e suspiros de Amadalena no interior da narrativa. O adiado avô atribui razão ao que a esposa “não falou”, o silêncio da personagem é tratado como portador de significações múltiplas. Mas, mesmo reconhecendo que Amadalena estava certa, Constantino permanece indiferente ao neto, chegando ao extremo de partir para não ter que conviver com seu descendente:

O nosso pai saiu para onde? Ainda nos oferecemos para o procurar. Mas a mãe negou que fôssemos. O velho Zedmundo nunca tivera nem rumo certo nem destino duradouro (COUTO, 2009: 36).

Zedmundo Constantino Constante só retorna dias depois, com um semblante triste e com os olhos repletos de lágrimas, para a surpresa de Amadalena. A fragilidade nunca antes demonstrada pelo adiado avô permite que ele finalmente se aproxime de seu descendente e traz à tona o afeto que o mais velho sente pela criança:

Conduzindo-o pela mão, minha mãe o fez entrar e lhe mostrou o neto já dormindo. Pela primeira vez, meu pai contemplou o menino como se ele acabasse de nascer. Ou como se ambos fossem recém-nascidos. Com desajeitadas mãos, o velho Zedmundo levantou o bebê e o beijou longamente. Assim demorou como se saboreasse o seu cheiro (COUTO, 2009: 37).

Para Amadalena, o seu esposo ressentia-se por nunca ter conseguido “ser filho” e, por isso, ela escreve um bilhete para o marido fazendo-lhe a seguinte solicitação:

*“Seja meu filho, Zedmundo, me deixe ser sua mãe. E vai ver que esse nosso neto nos vai fazer sermos nós, menos nós, mais avós* (COUTO, 2009: 37) (Grifos do autor).”

Percebe-se, nesse sugestivo convite, um desejo de recomeço, um fio de esperança que se personifica no neto de Amadalena e Zedmundo. É como se Amadalena enxergasse na criança a possibilidade de reconquistar tudo o que lhes foi negado ao longo da vida, inclusive o direito de “ser” que lhes foi podado pela dominação portuguesa.

Em “O adiado avô”, percebe-se, antes de tudo, as condições de vida que foram impostas pelos portugueses aos povos dominados. Zedmundo Constantino Constante, bem como a sua esposa Amadalena, apresentam-se como seres sufocados pela dominação imposta pelos portugueses, pessoas a quem foi negado o direito de “ser” e que aprenderam, através da

violência que legitimou a colonização de seu país, a utilizar o silêncio como arma contra os homens que se instalaram em suas terras e lhes negaram o direito à voz.

De acordo com Leila Hernandez, “a palavra tem um caráter sagrado derivado de sua origem divina e das forças nela depositadas. Significa dizer que a fala tem uma relação direta com a harmonia do homem consigo mesmo e com o mundo que o cerca” (HERNANDEZ, 2005: 28). Sendo assim, o silêncio mantido em muitos momentos da narrativa de Mia Couto parece denunciar o rompimento da harmonia do homem consigo mesmo. A negação do direito à palavra passa necessariamente pela negação do direito de “ser” e isso resulta na mutilação de experiências fundamentais ao convívio entre os homens.

Se a palavra, como muito bem afirma Paul Zumthor, “é celebração; a transmissão do saber, iniciação e alegria” (ZUMTHOR: 1997: 280), “O adiado avô” coloca-nos diante de situações em que as potencialidades da palavra estão sendo negadas a um povo.

Mia Couto tece uma narrativa, em que tanto a voz das personagens, quanto a ausência dela, são amplamente significativas por nos permitirem entrever não somente as marcas deixadas pela ação do colonizador em Moçambique, mas a situação dos homens e mulheres que são colocados à margem da sociedade e não têm direito à voz no contexto social em que vivem.

### Referências

CABAÇO, José Luís. A questão da diferença na literatura moçambicana. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 7, p. 61-69, outubro, 2004.

COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1968.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula**. Visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.

LEITE, Ana Mafalda. Contribuição para o estudo do conceito de “moçambicanidade”. In: **Actas do X Encontro de professores brasileiros de literatura portuguesa. I Colóquio luso-brasileiro de professores universitários de literaturas de expressão portuguesa**. Lisboa/ Coimbra/ Porto, 1984.

\_\_\_\_\_. Modelos críticos e representações da oralidade africana. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 8, p. 147-162, 2005.

LEPECKI, Maria Lúcia. **Sobreimpressões**. Estudos de Literatura Portuguesa e Africana. Lisboa: Caminho, 1988.

MATA, Inocência. **A literatura africana e a crítica pós-colonial: Reconversões**. Luanda: Editorial Nzila, 2007.

\_\_\_\_\_. **Literatura Angolana: Silêncios e Falas de Uma Voz Inquieta**. Lisboa: Mar Além, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pelos Trilhos da Literatura Africana em Língua Portuguesa**. Porto: Cadernos do Povo/ Ensaio Pontevedra-Braga, 1992.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. As margens do inefável: a significação dos velhos e aleijados em Guimarães, Luandino e Mia Couto. In: DUARTE, Lélia Parreira et al. **Veredas de Rosa**. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2000.

\_\_\_\_\_. Mia Couto: o outro lado das palavras e dos sonhos. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 9, p. 71-98, junho, 2006.